

## ÍNDIOS E GUARANIS SEGUNDO CARDIEL

*Juan Villegas, S.J.*

O historiador argentino Prof<sup>o</sup> José Mariluz Urquijo tornou conhecida, em 1984, uma obra inédita do Pe. José Cardiel da Companhia de Jesus. O editor assegura que o original é de punho e letra de Cardiel. Encontra-se na Biblioteca municipal de Bolonha, no palácio do Arquiginásio.

Graças ao serviço que presta Mariluz Urquijo, que com esta edição dá a conhecer um trabalho inédito, foi possível oferecer este estudo. Pretende-se descobrir, através desta obra, o conceito sobre o índio e especificamente sobre o guarani, tanto infiel quanto reduzido, que fomara este experimentado jesuíta com vastos conhecimentos em assuntos paraguaios.

Ao leitor brasileiro se oferece uma ocasião para que enriqueça sua visão sobre uma problemática de fronteira e sobre uns povos e culturas, que de alguma maneira intervieram em sua própria história.

### I — CARDIEL, O AUTOR

O Pe. José Cardiel nasceu em 18 de março de 1704. Entrou na Companhia de Jesus a 8 de abril de 1720. Em 1730 foi enviado por seus superiores para desenvolver suas energias evangelizadoras no Paraguai.

Quando foi firmado o Tratado de Limites, por parte das coroas ibéricas em 1750, o Pe. Cardiel já freqüentava, há duas décadas, diversos cenários rioplatenses. Buscou evangelizar os pampas, mocovís e guaranis. Estivera, inclusive, na Patagónia.

Cardiel foi testemunha e interveio nos acontecimentos produzidos quando os luso-espanhóis quiseram executar o Tratado de Limites e se empenharam em trasladar os sete povos jesuíticos das margens orientais do Rio Uruguai, hoje Rio Grande do Sul, para as margens

ocidentais. Tão logo levantaram-se acusações contra a Companhia de Jesus, Cardiel escreveu sua *Declaração da Verdade* para rebater juízos e erros propalados contra sua Ordem(1).

O Pe. José Cardiel integrou o grupo de jesuítas expulsos por ordem de Carlos III. Nesta condição viveu na Itália, onde escreveu esta obra que Mariluz Urquijo divulga.

Uma excelente e documentada Introdução do editor oferece informação indispensável para o estudo da obra de Cardiel.

## II – O COMPÊNDIO

O Pe. José Cardiel, que em 1767 havia sido expulso da América e vivia na Itália, não podia tolerar, com seus quarenta anos de experiência americana, as coisas que se diziam e escreviam sobre as reduções jesuíticas do Paraguai.

Sua reação ele a plasmou em uma obra que, sob pseudônimo, escreveu no ano de 1780 com o título de *Compêndio da história do Paraguai extraído de todos os escritos que dela tratam, e da experiência do autor em quarenta anos que habitou naquelas partes, pelo presbítero José Darceli, ano de 1780*, que simplesmente será citado neste artigo como *Compêndio* (2).

Neste *Compêndio* Cardiel vai refutar os erros e mentiras, que por ignorância ou má-fé, corriam como verdades sobre a atuação e obra dos padres da Companhia de Jesus. Para refutar as falsidades ou retificar tantos erros, Cardiel se aproveitou da literatura existente sobre o assunto. Assim, por exemplo, o autor, que teve o propósito de escrever uma obra simples, curta e clara para que pudesse ser lida facilmente, remete em alguma ocasião à mais detalhada *História do Paraguai* escrita por Pierre François Xavier Charlevoix(3).

Porém, acima de tudo, a força do relato de Cardiel se baseia em sua experiência de quarenta anos. Ele foi testemunha de muitos acontecimentos; ele viveu e trabalhou pastoralmente entre os povos guaranis a cargo dos jesuítas, enfim, ele viu, escutou e teve em suas mãos documentos. Nesta experiência devia cimentar-se a força persuasiva de sua refutação.

Muitos eram os erros e ignorâncias que se deviam esclarecer. Alguns versavam sobre geografia, jurisdições administrativas etc. Outros refe-

riam-se à existência de minas de ouro e prata ocultadas pelos jesuítas entre os povos guaranis; à riqueza da Companhia de Jesus no Paraguai; a crença de que os jesuítas não permitiam a entrada de visitadores, governadores e bispos nas regiões das reduções; o equivocado conceito sobre as pessoas, como, por exemplo, os preconceitos contra os padres da Companhia ou a estima de santo do frei Bernardino de Cárdenas, bispo de Assunção, e por outra parte grande inimigo dos jesuítas e propalador de calúnias e falsidades.

Cardiel valeu-se de seu relato para refutar tudo o que devia ser refutado em homenagem à verdade histórica. Para isto, contava com sua verdade histórica, a qual contrapôs a erros e calúnias. Esta narração está ajudada por seu discorrer racional para persuadir o leitor. Se em algum momento se valeu de elogios à obra dos jesuítas, foi para que sirvam como antitestemunhos. Tomou-os de diversas personalidades todas elas significativas.

Não há dúvida de que este *Compêndio* de Cardiel é obra polêmica. É obra de defesa. É a defesa do Pe. José Cardiel, um jesuíta que atuou por anos comprometido com os povos guaranis procurando sua evangelização e seu bem(4). Mais além da expressão pessoal, que indubitavelmente se deve atribuir ao *Compêndio*, haveria de ser assinalado uma espécie de valor coletivo. A obra seria a defesa dos jesuítas expressada por Cardiel.

Sendo assim, ao estudar os juízos sobre o guarani e o índio em geral no *Compêndio*, caberia perguntar se esta não seria a captação pessoal de Cardiel do aborígene que ele conheceu e tratou. Também caberia perguntar se não se refletiria a captação jesuítica sem mais do índio. Esta pergunta de interpretação só poderá ser dilucidada comparando esta obra com outras.

A contribuição que agora se deseja oferecer é simplesmente a de determinar a idéia do índio que transmite o Pe. Cardiel em seu *Compêndio*.

### III – CARACTERES GERAIS DO ÍNDIO QUE CONSTITUÍA OS POVOS A CARGO DOS JESUÍTAS NO PARAGUAI

Ao longo do *Compêndio*, o Pe. Cardiel oferece a seu leitor, aqui e ali, uma série de observações gerais sobre os índios que constituíam os povos jesuíticos no Paraguai.

## 1. Do estado natural aos começos da evangelização

Assinala Cardiel que nação se chamava aos índios que possuíam uma mesma língua. Nas três províncias de Tucumã, Buenos Aires e Paraguai, existia muita variedade de línguas. De todas elas o guarani era a mais estendida(5).

Os começos da evangelização foram difíceis. Os padres jesuítas tiveram que ir aos índios e propor-lhes o evangelho e oferecer-lhes que o aceitassem e fossem viver com os povos. Cardiel opinava que nenhuma destas nações, que ele chamava bárbaras, tinha dificuldade em crer naquilo que lhes propunha a predicação da fé. Os índios não lhes opunham resistência, por seu muito limitado e pueril entendimento. Contudo, as dificuldades apareciam ao ter que viver como homens sob leis, justiça e razão. Cardiel considerava que os índios eram muito diferentes dos europeus e de quase todas as demais nações das outras partes do mundo(6).

A obra de evangelização tropeçava em muitas dificuldades. Uma delas consistia em que, pela grande dispersão dos nativos, um evangelizador não podia repartir ensinamento a tal multidão de habitantes. Com efeito, os índios se encontravam dispersos por montes e selvas. Em lugares distantes. Não se lhes podia administrar os sacramentos da penitência nem a Eucaristia uma vez por ano(7).

Nos começos do século XVII, os jesuítas saíram ao encontro dos infieis guaranis da região do Guairá. Enfrentaram muitos trabalhos e puseram em perigo suas vidas. Estes índios eram guerreiros, cruéis e comiam carne humana. Caçavam homens para comê-los. Viviam em pequenos ranchos com seus caciques(8). Os índios guaranis da comarca do rio Paraguai engordavam seus prisioneiros de guerra e depois os comiam.

Os jesuítas também atuaram entre os índios situados às margens do Paraná, rio-acima. Alí se encontravam índios que não tinham cavalos e deslocavam-se a pé. Estes semeavam pouco, como expressava Cardiel, "por seu desleixo e preguiça"(9). Viviam da caça e da pesca e eram antropófagos.

## 2. A incorporação aos povos

Com os índios que aceitaram o Evangelho e o convite, fundaram-se os povoados indígenas, que ficarão a cargo dos padres da Companhia de Jesus. Outros índios serão sucessivamente incorporados aos diferentes agrupamentos.

Desde então se dará uma relação mais intensa entre os índios dos povoados e os evangelizadores jesuítas, que cuidavam deles. Daqui surgiu uma experiência do jesuíta na relação e o comportamento do índio de seus povoados. Esta experiência e sua avaliação foi dando um estilo de vida próprio aos povos indígenas a cuidado da Companhia de Jesus no Paraguai. Por parte do índio ia se produzindo uma paulatina transformação. não só recebia uma doutrina cristã, mas um estilo de vida e uma moral católicos; adquiria as disposições requeridas para poder viver uma vida mais complexa como era a vida nos povoados. No fundo, poderia ser que o índio das reduções conservasse atavismos de sua vida anterior, porém, por outra parte, ia se "desnaturalizando". A evangelização e a inculturação que lhe impunham o cristianismo e a vida nos povoados o transformavam.

Cardiel escreve que todos consideravam os índios como incapazes de viver uma vida organizada e urbana:

"Todos dizem que estes índios da América têm entendimento de crianças, que não sabem se manter em República por si mesmos com justiça e razão, mas que tudo neles são desordem, injustiças e vícios, a que são muito inclinados, especialmente aos três vícios de que já falamos (luxúria, bebedeira e feitiçarias); por isso se lhes põe quem os governe e castigue em suas desordens, e é regularmente o Pároco regular ou secular quem cuida não só de todo o espiritual, como também de suas fazendas e todos os bens da comunidade, repartindo-os com equidade e justiça e tendo muito cuidado para que cada um semeie em particular e lave o necessário para sua família, dando-lhe toda a terra necessária para isso. Apesar de sua inata desídia, em muitas nações há muito trabalho, para seu próprio bem. O produto das lavouras particulares, cada um o tem em sua casa, embora algumas nações sejam tão impróvidas e perdulárias, sem cuidar do amanhã, que desperdiçam presto, ou dão profusamente sua colheita e se vêm obrigados os padres a guardá-la nos armazéns da fazenda da comunidade com o nome de seu dono; e lhes vão dando do armazenado conforme vá acabando o de suas casas. Age-se, assim, conforme um tutor com seus pupilos"(10).

Os índios, indubitavelmente, não tinham hábitos de trabalho como os houvessem desejado encontrar Cardiel e os espanhóis(11). Em determinada passagem, Cardiel assinalou que os índios não exploravam as minas por sua desídia e horror ao trabalho, pois custava muito suor, trabalhos e gastos o escavá-las e explorá-las. Os índios só recolhiam a prata, que sem nenhum esforço encontravam na terra e o

ouro que tiravam das areias dos rios ou as pepitas, que podiam achar na superfície da terra ou com pouco esforço(12).

Assinala Cardiel que a larga experiência dos jesuítas lhes havia ensinado a importância de cuidar de todo o temporal nos povoados. Porque os índios eram "uma gente tão material", que todo o arcabouço espiritual se fundamentava em um bom funcionamento do material. É por isso que os padres provinciais, quando visitavam os povoados, inspecionavam sua base material e sua organização(13).

A função dos jesuítas como padres nos povoados era a de cuidar tanto dos aspectos espirituais quanto dos temporais. Os índios, devido à sua curta capacidade, não sabiam governar-se em república por si mesmos. Para Cardiel os índios de quarenta ou cinquenta anos geralmente não tinham mais capacidade intelectual do que meninos de nove ou dez anos. Todavia alguns, que relacionavam-se muito com os índios, consideravam que estes não chegavam a tanto(14).

Porque os padres se encarregavam de todo o temporal dos povoados, instituíram-se os corregedores espanhóis, uma organização colonial que fora objeto de críticas e que originou injustiças de todo tipo. Recorda Cardiel que em princípio se ensaiou colocar corregedores no Paraguai, porém a experiência resultou negativa(15).

Nos povoados dos índios confiados aos jesuítas havia irmãos coadjuutores, que possuíam vários ofícios, além de ensinarem os índios e ajudarem eficazmente os padres(16).

Para Cardiel os índios eram gente material. Requeria-se, pois, que os jesuítas encarregados deles cuidassem de mantê-los muito abastecidos. Também se requeria que seus assistidos se dessem ao espiritual e a todo o referente ao bem de suas almas. Por isso os jesuítas responsáveis pelos povoados, além de virtude e letras, deviam entender de coisas temporais, agricultura, criação de gado, construção de casas e igrejas. Deviam ser hábeis em diversos ofícios, como carpinteiros, ferreiros, artesãos, pintores, tecelões, etc. Requeria-se ainda que entendessem de economia doméstica, música e outras coisas. Cardiel assinalava que todos os jesuítas possuíam o desejo de estar capacitados em tudo isto. Todos se aplicavam nisso. Porém não todos eram habilitados(17).

Cardiel diz que há jesuítas que sabiam tudo e que acertavam na maneira de conduzir os povoados dos índios. Outros, apesar de menos talento, se aplicavam e acertavam em governar bem. Por fim, devem

ser mencionados outros, que por mais que se aplicassem não acertavam no governo e boa administração dos povoados. Nem sequer eram capazes de conservá-los. Uns e outros aplicavam-se com zelo e bons desejos, porém nem todos conseguiam atingir o objetivo de seus trabalhos(18).

Desta experiência resultava que os bispos e governadores aceitavam aqueles jesuítas que o padre provincial lhes apresentava como candidatos a encarregados dos povoados. Supunham que ele conhecia muito bem o seu pessoal e que buscava sempre o bem daqueles povos. A experiência demonstra que não estavam equivocados. Tal modo de proceder, em matéria de nomeações, dava bons resultados.

Contudo, surgiram críticas ao sistema. Acusou-se o provincial de fazer as vezes de bispos, governadores e reis. Cardiel viu-se obrigado a sair em defesa da Companhia, contra esta falsidade, argumentando que o provincial, o superior, os jesuítas evangelizadores e os índios, todos estavam sujeitos e subordinados, no que lhes tocava, ao bispo, ao governador e ao rei. Como prova alegava a obediência irrestrita que lhes prestavam e como os recebiam, com toda solenidade, quando estes iam visitá-los(19).

Cardiel perguntou-se por que os leigos, ao invés dos padres, não exerciam as tarefas de administradores ou tutores dos bens temporais dos índios. Ao sacerdote corresponderia, propriamente, ensinar a doutrina e administrar os sacramentos. Assim fora feito nos começos. Logo se comprovou que os leigos cuidavam mais de enriquecer às custas dos índios e cuidavam pouco destes. Não defendiam os direitos dos indígenas e muito menos davam-lhes bom exemplo. Chegavam mesmo a maltratar e oprimir os índios. Por estas razões os presbíteros assumiram, por caridade, estas tarefas temporais(20).

Isto não quer dizer que não houvesse gente de bem. O que sucedia, explica Cardiel, é que cuidar dos índios exigia muito trabalho e os homens de bem na América se ocupavam de coisas não tão trabalhosas e, apesar de tudo, adquiriam uma boa posição(21).

Cardiel considerava que tratar com índios era difícil, porque eram "gente rude, desidiosa, de temperamento muito fraco, sem atividade, sem empenho em nada; é um tormento para um homem de bem"(22).

Na ausência de homens de bem para semelhante ocupação, os cargos foram ocupados por gente má. Segundo Cardiel, esta era a causa da perda de tantos índios e de tantos povoados(23).

Os índios que entraram na pedagogia dos povoados dos jesuítas foram se inculturando. Com o tempo criava-se algo novo no território do Paraguai e Buenos Aires. Desde então houve um índio, que Meliá chamou, acertadamente, "guarani reduzido"(24).

Finalizando seu *Compêndio*, Cardiel mostrava esta realidade, através do testemunho do frei José Palos, bispo franciscano de Assunção. Ele comparou o estado em que se encontravam os índios no Paraguai com o dos índios aos cuidados dos padres da Companhia de Jesus. O bispo entendia que os povoados dos jesuítas eram "a mais florida e mais útil cristandade", que possuía o rei em toda a América. Se se quisesse destruí-la, não haveria outro meio mais eficaz senão afastar os jesuítas e entregar todos estes índios ao serviço pessoal dos colonos(25).

### 3. Juízos diversos sobre o índio

Nesta seção atentaremos para uma série de juízos, emitidos por Cardiel, sobre o índio. Muitas vezes são muito gerais e não se poderia precisar se se referem a todo índio ou ao guarani e, dentro dos guaranis, ao guarani não reduzido ou ao reduzido.

Logo se adverte que muitos juízos se referem a qualidades ou defeitos do índio, que em si não nos introduzem na ordem moral ou que não comportam uma valoração moral. Por exemplo, quando se diz que o índio não possui, em geral, disposição para o pensamento especulativo ou que não é previdente, aponta-se uma característica do seu modo de ser, que não implica um juízo moral. Por outro lado, quando se afirma que o índio está inclinado às bebedeiras ou a enganar, entra-se em seu mundo moral e, não por acaso, se emite um juízo de valor.

O *Compêndio* não se detém explicitamente em transmitir uma descrição antropológica do índio. De modo que estes juízos diversos sobre o índio aparecem entre fragmentos dos assuntos tratados. Às vezes trata-se de incursões mais detidas, outras vezes são observações rápidas.

Antes de passar em revista os juízos de Cardiel, convém recordar esta força testemunhal que campeia em todo o *Compêndio*. Ele oferece o testemunho formado por quarenta anos andando e trabalhando na América.

#### a. Idiossincrasia

Embora transformados pela vida nos povoados, os índios guardavam

seus gostos e tendências. Cardiel assinala que os índios dos povoados jesuíticos plantavam milho, que para eles era uma dádiva. Poucos plantavam trigo, que produzia bem, e os que o semeavam só semeavam um celamin. Tampouco faziam pão, por causa do pequeno trabalho que lhes exigia. Comiam o trigo cozido, como os legumes. Também plantavam batatas; mandioca, muito usada em toda a América, todo gênero de legumes, e cana doce. Não produziam açúcar da cana, nem mel, novamente pelo trabalho que dava. Mascavam a cana e tragavam-lhe o suco. Plantavam algodoais para vestirem-se e outras coisinhas(26).

Ao explicar o serviço pessoal dos índios, Cardiel informava que no Paraguai, como a terra era fértil, com um algodoal de 10 a 25 varas quadradas, que o índio podia fazer em poucos dias, ele obtinha os parcos cinco pesos que correspondiam ao seu tributo(27).

Os índios não possuíam, em particular, qualquer espécie de rebanho. Cardiel considerava-os incapazes disto. O gado pertencia à comunidade. O sacerdote o repartia conforme as necessidades e méritos de cada um. O máximo que os índios possuíam eram umas poucas galinhas e isto não se dava com todos. Não porque alguém os impedisse, "mas porque não tinham coração para mais, por causa dos seus curtos pensamentos, e por não terem obrigações matinais, como as crianças"(28).

Em outro trecho, de passagem, Cardiel dizia que os índios eram "para pouco e negligentes"(29). O rei ordenou que se deveria ensinar os índios a "não serem ociosos nem vagabundos, porque são de temperamento fraco, muito desidioso e ociosos"(30). Quando realizavam algum trabalho para os jesuítas, recebiam remuneração. Explica Cardiel que os índios eram pobres e que necessitavam mais receber que dar(31).

Cada índio recebia sua roupa. Porque se não fosse assim, andariam nus. Tal era sua negligência(32).

Os reis sempre trataram os índios com benignidade. Por exemplo em matéria de tributos. Nesta questão, os reis mostraram muita piedade para com os índios, procurando isentá-los de todo imposto e obrigação, "por ser gente digna de toda compaixão e que não podem tanto quanto os espanhóis, por sua curta qualidade"(33).

Nos inícios da colonização no Paraguai e províncias vizinhas, especialmente, os índios eram "tão impróvidos, sem nenhuma economia,

e de muita desídia”(34). Não pagavam o tributo. Deste modo caíram num serviço mais escravizante nas mãos dos seus encarregados.

Descrevendo a relação dos índios com seus ofícios, Cardiel afirma que eles apreciavam comer carne:

“O ser açougueiro, que mata as reses, prepara as porções, etc., e as reparte; o ser pastor das vacas (que chamam estancieiro), o ser cozinheiro dos Padres, são os ofícios que mais apetezem, sendo os mais nobres ou principais, porque tendo a carne em suas mãos (à qual são sumamente aficionados), comem quanto querem, sem ser vistos”(35).

Refere Cardiel que o rei conferiu títulos de nobreza aos caciques. Havia povos que possuíam quarenta nobres, apesar deles mesmos não saberem apreciar seu título e nobreza. Os espanhóis, ao vê-los tão pueris no temperamento e costumes, tratavam-nos por tu, embora fossem caciques e falassem em espanhol. Possuíam vassallos, os mesmos que possuíam antes de serem reduzidos, que os ajudavam na lavoura(36).

Todos os índios se casavam. Cardiel comentava que os índios “como gente tão material, e tão ardente, não são capazes de viver o celibato”(37).

Cardiel explica ao leitor do *Compêndio* como eram as casas dos índios nas reduções. Comenta que os índios não apreciavam as casas. Não queriam tanto. Os jesuítas forçavam-nos a construí-las “para impor-lhes alguma disciplina”(38). Porque se deixassem a construção à liberdade dos índios, nunca haveria mais que um pequeno aposento com paredes de meio pé de grossura com paus, barro e canas e teto de palha. Com uma casa assim, se sentiam tão contentes “como um Salomão em seu palácio, e talvez mais”(39). Isto se devia, segundo Cardiel, aos pensamentos dos índios, que eram muito simples e pueris. Diferentemente dos espanhóis, eles aspiravam pouquíssima coisa. A tal ponto que, considerava Cardiel, se Deus não lhes tivesse dado tanta obediência e respeito aos padres, seria impossível elevá-los de sua baixez(40).

Comentando os dados estatísticos dos povoados de índios cristãos a cargo dos jesuítas, Cardiel assinalava a incidência da varíola. Entre os índios, grandes e pequenos, a varíola era tão mortal quanto as pestes na Europa(41).

A resistência dos índios, na missão sete povos, da margem oriental do rio Uruguai, para transferirem-se para a outra margem, levou os padres jesuítas a comprovarem a incapacidade dos índios para entender razões de Estado.

Explica Cardiel que os padres tiveram grande esforço para convencer seus índios a migrarem. Explicavam-lhes o Tratado de Paz e os motivos que tivera o rei para assiná-lo conjuntamente com o rei de Portugal. Entretanto, tantos esforços resultaram inúteis. Os índios voltavam sempre sobre o mesmo ponto e perguntavam por que os portugueses haviam de tomar-lhes suas fazendas, terras e povoados(42). Neste momento da narração comenta Cardiel que não havia razões que os apartassem destes pensamentos. E acrescenta:

“O índio, com tão curto entendimento, nestes casos não se governa pela razão mas pelo ímpeto da vontade, nem alcança a razão, por mais que se lhe explique”(43).

Os que procuravam tirar os índios dos montes, quando fugiram dos povoados, atuavam com prudência e se ajustavam “ao gênio do índio”. Assim procedendo, obtiveram bons resultados em seus propósitos(44).

#### b. O índio armado

Observando o índio em combate e com suas armas, se aprofunda mais no seu conhecimento. O modo como os espanhóis lutavam contra os infiéis era como quem ia à caça de feras. Vão em silêncio e às escondidas, de modo que não sejam vistos nem ouvidos por eles. Se os índios descobriam o ataque, então fugiam, se escondiam e já não era possível o embate. Porém se os surpreendiam, dava-se o combate e morriam ou, do contrário, fugiam. Se eram em maior número que os espanhóis e estes não os encontravam desprevenidos, os índios infiéis faziam frente aos ataques. Combatiam desordenadamente. Corriam, com seus cavalos, de uma para outra parte, permanentemente e à toda velocidade. Ameaçavam atacar de várias partes e de modo enganoso. Atacavam de surpresa, com suas flechas e lanças, surgindo de onde menos se pensava(45).

Se ao primeiro ataque dos índios os espanhóis conseguissem matar vários deles, com a primeira descarga de suas armas de fogo, então os índios fugiam. Algumas vezes, se atreviam a investir uma segunda vez. Se o resultado era como o do primeiro ataque, então tornavam a fugir. Nunca se atreviam a enfrentar um terceiro combate.

Porém, se no primeiro ataque os índios conseguiram desarticular o esquadrão dos espanhóis, então estes viam-se forçados a fugir. Os infiéis perseguiram-nos e produziam mais mortes. Assim conquistavam a vitória e voltavam mais insolentes(46).

Observa Cardiel que os infiéis que guerreavam nas três províncias platenses, usavam cavalos. Daí se concluiu que estes seriam índios colhedores e caçadores(47).

Quando acontecia que o serviço real pedia colaboração de índios armados aos povoados sob o cuidado dos jesuítas, não era necessário exortar os índios a obedecer, "porque jamais mostravam repugnância, antes pareciam desejar estas funções, tal era a alegria que demonstravam"(48). O curioso era que nem eles, nem seus filhos, nem suas mulheres mostravam estar tristes por deixar os povoados ou por suas ausências. Não se observava neles sentimento algum.

Os que deviam partir realizavam uma procissão em torno da praça, com uma imagem da Virgem Santíssima ou do padroeiro do povoado e outra imagem religiosa. Esta procissão era realizada ao som de sinos, tambores, flautas e clarins. Depois rezavam na igreja. Também cantavam algum hino em latim e "alguma canção devota em sua língua"(49).

Cardiel informa que os trinta povoados confiados aos jesuítas no Paraguai contavam com uma população de 30.000 índios, que podiam colocar em pé de guerra seis ou sete mil homens(50).

Ao relatar a história de José de Antequera, Cardiel cita uma emboscada que este realizou contra uns índios desprevenidos. Na ação morreram muitos. Eram índios dos povoados a cargo dos jesuítas e que militavam sob as ordens do governador de Assunção, Baltazar Ros. Afirmava Cardiel que os índios tinham visto a desproteção e confiança do seu general e que, como eram "de gênio tão pouco cauto", se encontravam descuidados. Antequera, que conhecia o gênio pueril destes índios, acolhia-os bem e procurava convencê-los de que não haveria combate. Persuadia-os de que os do partido de Antequera eram tão submissos e leais ao rei quanto os seguidores de Ros. Conta Cardiel que os índios, "como crianças", acreditaram(51).

Quando o *Compêndio* relata a resistência oferecida pelos índios dos sete povos da margem oriental do rio Uruguai a trasladar-se, conforme exigia a execução do Tratado de Limites de 1750, narrava-se como uns 2.000 índios destes povos iam, na sua maioria, a pé. Enfrentavam

os exércitos luso-hispânicos no Caibaté. Não tinham chefe. Cada índio obedecia somente ao índio do seu povoado, que ia como principal. Comenta Cardiel que, com tantas cabeças, tudo era confusão. Ademais, estavam mal armados. Possuíam apenas uma ou outra arma de fogo e mesmo assim incompletas(52). Para Cardiel esta forma primitiva de encarar a resistência à execução do Tratado mostraria ao leitor inteligente que os índios se rebelaram, desobedecendo aos jesuítas.

### c. Ensino e aprendizagem do índio

Nos povoados havia escolas. Os índios, afirma Cardiel, aprendiam a ler com perfeição. Não apenas em sua língua, como também em castelhano e até em latim. Alguns aprendiam a ler em público. Para eles era o mesmo o latim ou o castelhano, porque não entendiam nenhuma das duas línguas. Os índios mostravam muita paciência em aprender. Mais que os espanhóis. Possuíam uma memória semelhante à dos espanhóis, quando tinham a sua idade. Custava muito fazer-lhes entender. Porque o entendimento dos índios é tão limitado, mesmo dos mais maduros, que não eram capazes de prever e não tinham nenhuma preocupação, quer com o passado, quer com o futuro. Os arraoados e os silogismos mais convincentes não lhes diziam nada. Os jesuítas se admiravam da limitação intelectual dos índios. Sua vontade era volúvel e inconstante, como a dos jovens europeus.

Os índios aprendiam a escrever bem. Alguns eram capazes de escrever em letra de forma a tal ponto que era difícil distinguir o que escreviam, de uma boa letra de imprensa(53).

Os povoados também dispunham de escola de música, sob a direção de um maestro índio. Consideravam o ser músico com o ofício mais honroso. Admiti-los na escola de música era para eles tal honra e favor, que poderia ser concedido ao filho do corregedor ou ao cacique principal.

Os que não tinham boa voz, aprendiam algum instrumento. Assegura Cardiel que os índios não possuíam capacidade para compor músicas. Só tocavam e cantavam as partituras que se lhes entregavam. Algumas destas continham as melhores músicas da Espanha e Itália. Trouxeram-nas os padres. Estas músicas eram interpretadas nas orações solenes da véspera, matinais, hinos, ladainhas e canções em homenagem aos santos. Os índios tocavam com destreza toda sorte de instrumentos: harpas, violinos, violões, baixos, charamelas, órgãos e clarins. Inclusive, sabiam confeccioná-los, graças ao ensinamento dos jesuítas(54).

Falando da música que acompanhava a viagem dos índios, que transportavam suas mercadorias para Buenos Aires, Cardiel oferece uma interessante informação. Os índios não tocavam músicas vulgares, como as das festas das aldeias. Tocavam minuetos, fugas, árias, sons de palácio e coisas semelhantes. Interpretavam o que ouviam tocar os músicos na igreja, com suas harpas e violinos. Sempre tocavam em duo, um uma terceira acima, outro terceira abaixo. Os tocadores de tambor não eram músicos. Nem sequer sabiam ler ou escrever. Tocar tambor ou flauta, não era considerado um ofício, como o de músico. Quem quisesse podia tornar-se um daqueles. Tratava-se de gosto e inclinação. O que tocava era o que fabricava seu tambor e sua flauta. Os padres maravilhavam-se com a capacidade dos índios de gravar aqueles sons tão cultos, que interpretavam, e de como conseguiam executá-los. Porque não havia escola onde aprender a tocar tambor e flauta, contudo, em cada povoado, não faltavam índios que soubessem tocá-los(55).

Todos os sábados e dias festivos celebrava-se missa, sempre com muita música, executada por uns trinta ou mais músicos. Cardiel pode ouvir alguns sopranos e tenores, que segundo ele lucrariam muito nas primeiras catedrais da Espanha(56).

Para convidar os fiéis para o templo, nos domingos, percorriam-se as ruas e praças do povoado, tocando tambores e flautas(57). Durante as missas, os tambores e flautas também soavam, no momento do "santo" e ao realizar-se a elevação, bem como na entrada e saída da igreja(58).

Logo após a missa do domingo, os homens e rapazes, de um lado, e as senhoras e moças, do outro, escutavam uma repetição da prática, que tinham ouvido durante a missa. Esta era feita por um conselheiro dotado de boa voz e fácil comunicação. Fazia-no como podia e, segundo o testemunho dos padres, repetia a prática quase ao pé da letra. Outros contentavam-se em repetir as idéias centrais, acrescentando algo de si próprios. O mesmo se fazia quando havia sermão. O conselheiro repetia o que fora dito aos homens e um velho escolhido, e de autoridade, repetia-o para as mulheres. Pretendia-se assim que a prática ou o sermão se lhes "fixe melhor na cabeça", escutando-o duas vezes e de alguém que "fala mais do seu modo rústico"(59).

O *Compêndio* não entra em detalhes sobre o aprendizado dos ofícios. Muito ligeiramente informa que as mulheres confeccionavam os tecidos de lã e algodão destinados a ser repartidos entre todos. Cada uma recebia apenas uma libra de lã ou algodão para fiar por semana. Procurava-se assim deixar-lhes tempo para as atividades do lar. Uma ín-

dia diligente podia fiar esta quantidade em um dia(60).

Se o *Compêndio* não relata a aprendizagem de trabalhos e ofícios, entretanto assinala os frutos e resultados destes. Os índios aprenderam a construir povoados, templos, casas de pedra e telha, cuidar da agricultura, do gado e muitas coisas mais. Conseguiu-se que nas reduções houvesse todo tipo de ofício: carpinteiros, estatuários, douradores, prateiros, pintores, ferreiros, tecelões, alfaiates. Em alguns povoados havia meios para confeccionar sinos, órgãos e alguns relógios de pesos. Tudo isto teria sido impossível sem um aprendizado por parte do índio(61).

Entre os índios, o ser músico ou ter algum ofício manual, não era algo desprezível ou vil. Pelo contrário, era uma distinção na comunidade. Escreve Cardiel, que o índio que não tivesse algum ofício, era chamado "abarey", que significava homem ordinário, homem plebeu. Equivalia tanto a não ter nome, nem ser, nem identidade(62).

#### d. Castelhana e guarani

Um dos pontos importantes de toda descrição antropológica constitui a língua. Até agora já apareceram algumas notícias interessantes sobre este particular, às quais o leitor pode retornar neste momento. Apreciemo-las com mais vagar.

Particularmente o *Compêndio* declara que os índios dos trinta povos jesuíticos eram todos de língua guarani. Esta língua era muito difundida, inclusive no Brasil. Cardiel assinala que todos os índios eram guaranis, porém nem todos eram tapes, ou seja, índios da região do Tape. Só os índios provenientes do que restou dos nove povoados, que foram organizados e edificados no Tape e que foram trasladados depois, ante o ataque dos mamelucos, poderiam ser considerados índios tapes(63).

Os índios transportavam suas mercadorias para Buenos Aires e aí se abasteciam do necessário. Este comércio, faziam-no com suas embarcações através dos rios navegáveis da região platense. Dizia Cardiel que este comércio estava organizado e controlado pelos padres, porque "os índios são tão incapazes para estas coisas, como o são as crianças de oito ou nove anos, nas compras e vendas, tratos e contratos que seus pais fazem para toda a família"(64).

Os índios enviados a Buenos Aires recebiam dos padres umas listas nas quais figurava a mercadoria que levavam para vender. Estas listas eram escritas em guarani. Levavam também outra lista, com uma car-

ta do padre do povoado para ser entregue ao padre procurador dos jesuítas em Buenos Aires, o qual dirigia as atividades desenvolvidas ali(65).

Ao descrever o trabalho das crianças, diz-se que ao finalizar a explicação da doutrina havia uma oração com todo o povoado em coro. No final rezava-se o ato de contrição e o "Bendito" em guarani e, às vezes, em castelhano. Tal qual era feito no final da missa(66).

Quando implantaram-se as encomendas de índios, ordenou-se ao encomendeiro que ensinasse o castelhano a seus índios encomendados. Cardiel escreve que no Paraguai

"esqueceram a língua espanhola e adotaram a língua dos índios, e esta é a que se usa em suas casas nas cidades e nas casas do campo, onde vive tanto ou mais gente que na cidade, não sabem outra língua senão a dos índios. Estão muito longe de cumprir com a condição de ensinar-lhes a língua espanhola. Os varões quase todos sabem espanhol, porque quase todos andaram na escola, onde com castigo lhes obrigavam a falar espanhol, porém sabem-no mal, e depois não o usam, senão o guarani. As meninas não vão à escola, e assim nunca sabem espanhol"(67).

Quando cresceram as dificuldades para que os índios obedecessem, no que lhes correspondia, executando sem conflitos o Tratado de Limites de 1750, os jesuítas escreveram ao governador, em Buenos Aires. Exortaram também os corregedores, aos alcaides e demais autoridades que fizessem o mesmo. Os índios escreveram, disse Cardiel, "com aquele estilo rústico e pueril que lhes era próprio"(68). Chegou-se a dizer, por parte dos inimigos da Companhia de Jesus, que esses escritos foram feitos pelos próprios padres, que fingiram "o pobre estilo do índio"(69).

Houve um enfrentamento entre espanhóis e alguns índios de Yapeyú, que importunara um cacique. Finalizado o embate, entregaram-se a seus prisioneiros. Informa Cardiel que nesta oportunidade utilizaram intérpretes não muito confiáveis. Eram originários do Paraguai e Corrientes, de povoados espanhóis que conheciam o guarani. Porém conheciam-no mal. Misturavam-no de tal forma com o castelhano, que às vezes diziam "sim" por "não" e vice-versa. Perguntaram aos índios prisioneiros se nos povoados havia alguém que se fizesse passar por rei e tudo relativo a este assunto.

“O índio é tão pueril — comenta Cardiel — que quando lhe perguntam, só responde, especialmente quando tem medo, aquilo que acredita agradará ao que pergunta, seja verdade ou mentira, muito mais quando o que lhe pergunta é pessoa de respeito”(70).

Estes intérpretes divulgaram entre os soldados espanhóis que nos povoados confiados aos jesuítas havia um índio, que se constituíra rei. Chamava-se Nicolás Ñeenguirú e dispunha de um exército de 60.000 homens. Daquí surgiu a fábula ou novela do rei Nicolau; de suas moedas cunhadas com seu nome, e de “outros delírios que correram pela Europa”(71).

Cardiel conheceu Nicolás Ñeenguirú. Embora o considerasse com mais capacidade que o comum dos índios, contudo para ele era um índio. Como tal era “não só incapaz de ser Rei, ou de governar um exército, porém mais ainda de governar um povoado sem direção de outro”(72). Para Cardiel não era verdade que Nicolás Ñeenguirú tivesse sob seu comando 60.000 índios de guerra. Averiguara a falsidade de tal afirmação. Tampouco havia índio algum que fosse capaz de contar tantos mil índios, “pelo seu curto entendimento; é comum entre eles que passando de doze a catorze, se confundem na conta”(73). Por outra parte, Cardiel supunha que os prisioneiros interrogados “seriam dos mais vulgares”(74).

Se o governador de Buenos Aires tivesse contado com bons intérpretes, conhecedores do guarani, não teria regressado a Buenos Aires com seus 2.500 homens e seguiria seu caminho até São Borja, sem temer as forças de Nicolás.

Para dar uma idéia da imperícia dos intérpretes, Cardiel narra dois exemplos. Um referia-se à averiguação acerca de uma morte produzida por um alvoroço. Por má interpretação chegou-se a crer que os índios revoltosos haviam sido instigados por jesuítas.

Em outra ocasião um índio procurador de um povoado cuidava do posto de gado “São Pedro”, quando aproximou-se o general Pedro de Cevallos, à frente de suas tropas. Um erro de interpretação levantou a suspeita de que os jesuítas teriam ordenado o não fornecimento de carne a estas tropas. Contudo, chegou-se à verdade dos fatos. O índio tinha mandato do padre para socorrer com vacas a quantos espanhóis passassem por “São Pedro”(75).

Cardiel tinha mais episódios para narrar, sobre este tema. Todos os casos levavam a uma suspeição sobre os jesuítas, como instigadores

da resistência dos índios e suas rebeliões. Em alguns casos havia malícia e paixão, porém em sua maior parte a origem destas acusações provinha da imperícia dos intérpretes. O pior foi que estas falsas notícias chegaram à corte. Foram dispendo o ânimo contra os jesuítas. Cardiel refere que o Ministro real chegou a escrever que "era irracionalidade o pensar que os jesuítas não eram a causa da rebelião dos índios"(76).

Segundo Cardiel, a ignorância dos índios se relacionava com a língua, veículo de comunicação de culturas. Em uma passagem Cardiel atribue à ignorância desta gente o que se dizia serem dos milagres, atribuídos ao frei Bernardino de Cárdenas, bispo de Assunção. A ignorância era ainda maior, quando se tratava de gente que se encontrava afastada dos espanhóis. Não usavam o castelhano, mas a língua dos índios. Especialmente as mulheres(77).

### 3. Juízo sobre a condição moral do índio

#### a. Visão moral do índio

Cardiel considerava que as luxúrias, bebedeiras e feitiçarias eram vícios muito arraigados em quase todos os índios(78).

Ao narrar a mentira de um índio chamado Ventura, que espalhou a notícia falsa sobre a existência de minas e riquezas ocultas pelos jesuítas nos seus povoados, Cardiel encontrou a oportunidade de emitir vários juízos sobre os índios. O autor do *Compêndio* afirmava que os índios eram muito inclinados a mentir(79). Uns espanhóis, que há pouco tinham chegado da Espanha, não conhecendo "a puerilidade do índio", creram em suas invenções(80).

Referindo-se o *Compêndio* a uma emboscada fatal, que os índios realizaram contra uns espanhóis que penetraram em suas terras, Cardiel faz a seguinte consideração: "Destas traições usam muito estes índios e outros. Não cumprem a palavra, senão quando não podem mais"(81).

Em outra passagem, ao explicar que, uma vez expulsos os jesuítas, dos povoados a eles confiados, no Paraguai e América, os índios começaram a receber maus exemplos, o Pe. Cardiel afirmava que

"o índio é muito zeloso nisto (= luxúria).

Vendo algum espanhol fraco, em relação às mulheres, não faz caso dele, mesmo que seja sacerdote"(82).

Depois de formados os trinta povoados dos jesuítas, não havia mais índios infieis, num raio de cem léguas ou mais. Só se podiam encontrar alguns poucos índios infieis escondidos nos bosques, "como alguns cachos que ficam na cepa depois da colheita das uvas". Havia muito poucos, ou porque foram se incorporando aos povoados, ou porque foram destroçados pelos mamelucos. Os jesuítas realizavam entradas evangelizadoras nestes bosques, conseguindo retirar alguns de lá voluntariamente. No ocidente dos rios Paraná e Paraguai havia muitos índios infieis. Pertenciam a diferentes línguas. Eram cavaleiros e muito aguerridos. Com suas incursões guerreiras, causavam muito dano aos espanhóis e aos povoados dos jesuítas. Cruzavam os rios a nado, para empreender seus assaltos. Em tempo de paz, os jesuítas conseguiram formar sete povoados com estes índios(83).

O *Compêndio* descreve as condições culturais e até morais dos índios da seguinte maneira:

"Embora vivam os índios muito tempo com os espanhóis, mesmo depois de haver habitado com eles, em suas cidades, por 20 ou 30 anos, continuam com a mesma baixeza, e logo aprendem os vícios que viram nas cidades, sem reter as coisas boas que viram nos homens de bem. Somente casando-se com espanhóis, e depois da terceira ou quarta geração, é que perdem aquela rudeza, pequenez e baixeza de ânimo. Porém, o aparentar-se com índios é tido como coisa muito vil, e assim muito rara vez sucede que se case algum espanhol com índia. Dizer a um espanhol, *ande que és um índio*, é tido por uma das maiores injúrias. Erram neste conceito, porque o índio é livre e não escravo e nem por ser índio perde mais que um estrangeiro dos que vão alí para fazer fortuna, por ser italiano ou francês. Nada perde por seu sangue, e assim está declarado pelos Reis nas Leis"(84).

#### **b. Exercício da justiça**

O melhor exercício da justiça para com os índios, consistia em castigá-los quando cometiam faltas. A experiência havia mostrado que era necessário castigá-los paternalmente, como às crianças, dizia Cardiel. Este era o costume universal e aprovado pelos prelados e reis. Os índios, que houvessem cometido uma falta, eram açoitados, "por não serem capazes de mais, e se sujeitam a isto humildemente", explica Cardiel(85). Em algumas partes castigava-os o pároco, em outras, administradores seculares. No Perú, por exemplo, existiam corregedores espanhóis. Porém alí os índios não eram tão pueris e se aplicavam

à agricultura. De maneira que estes seculares cuidavam apenas da fazenda da comunidade. Recebiam um soldo por suas gestões administrativas. Isto é o que Cardiel podia contar, com seus quarenta anos de experiência na América. E considerando a índole do índio, perguntava-se que homem racional poderia reprovar este governo(86).

De maneira que, nos povoados a cargo dos jesuítas, os castigos para os índios, por seus delitos e faltas, se estabeleciam conforme a pouca capacidade dos mesmos índios. Quando alguém havia cometido uma falta, não era necessário prendê-lo. Sem outro constrangimento, senão o convite feito pelo aguazil "vamos ao Padre", ia com ele como uma ovelha, explica Cardiel. Jamais fugiam. O padre escutava as partes, estabelecia o castigo correspondente e este, geralmente açoites, era logo executado(87).

Quando o governador Jacinto Lariz caiu na conta da mentira propagada por um índio de nome Ventura, que havia divulgado a informação falsa, sobre a existência de minas e riquezas nos povoados dos índios confiados aos jesuítas, houve por bem ordenar que fosse enforcado. Os padres jesuítas, contudo, intercederam por Ventura ante o governador "dando-lhe a entender o gênio mendaz e pueril do índio". Eles consideravam que um castigo com açoites seria suficiente(88).

De modo semelhante, ao descobrir-se que o índio Domingo havia entrado em um jogo de calúnias contra os jesuítas, foi sentenciado que o mesmo recebesse duzentos açoites, desfilasse sobre um jumento pelas ruas do povoado e fosse enforcado. Os jesuítas inteceram em favor de Domingo "argumentando a pequenez e puerilidade dos índios, o haver sido induzido por seu amor, etc."(89).

## 5. Atavismo e transformações

A exigência de transmigração dos índios dos sete povos da margem oriental do rio Uruguai para as regiões da margem ocidental, imposta pela execução do Tratado de Limites firmado pelas coroas ibéricas em 1750, ofereceu a possibilidade de descobrir a força dos atavismos tão assimilados pelo índio dos povoados e, ao mesmo tempo, a novidade de uma transformação, cujo resultado foi o índio missionário.

Através do relato do *Compêndio* resulta que os índios, que viviam nestes povoados sob os cuidados dos padres da Companhia de Jesus, possuíam uma cultura diferente da dos guaranis infieis, para falar com terminologia antiga. Efetivamente, no sistema de vida jesuítico, estes índios reduzidos criaram uma nova cultura. Descobriu-se isto no

momento de opor resistência aos mandatos, apoiados inclusive pelos jesuítas, do sistema colonial. No conflito podia observar-se como as transformações ocorridas no índio estavam combinadas com certos atavismos, que perduraram com tenacidade. Enfim, do conflito suscitado pelo querer mudar os índios de lugar, surgiu a novidade da cultura "indopueblerina" criada pelos padres da Companhia de Jesus nestas regiões.

Cardiel expressa que os jesuítas acreditavam que para os índios, com sua "limitação e gênio"(90), entregar seus sete povoados, com seu gado, erva-mate, algodoais e plantações, era algo insuportável.

Complementando a explicação, expressa Cardiel, a traslação dos povos era "a coisa mais trabalhosa e insuportável para seu gênio, que se lhes podia mandar"(91). Porque os índios eram de racionalidade limitada e porque não conseguiam ponderar as razões do Estado e dos monarcas.

Os índios ficaram consternados quando os padres explicaram-lhes o Tratado e lhes intimaram seu cumprimento. Em sua limitação não entendiam como o rei podia ser bom, sendo que lhes ordenava uma coisa tão má. Supunham ser uma armadilha e um engano dos inimigos, os portugueses. A dúvida voltava-se também contra os mesmos jesuítas. Enquanto os jesuítas antigos incitaram-nos a lutar contra os mamelucos, seus sucessores lhes pediam que entregassem seus povoados aos portugueses. Esta mudança de conduta confundia e perturbava os índios(92). Os sacrifício foram inúteis. Finalmente o Tratado não se executará.

A confusão manifestou-se, em algum caso, com agressividade e violência. Em certa ocasião, um padre que leu para seus índios as ordens reais foi convidado por estes a deixar esta leitura e ensinar-lhes a doutrina. Ato contínuo arrancaram-lhe os papéis com violência e queimaram-nos na praça. Outro padre de povoado, sentindo-se ameaçado de morte, recorreu a seus superiores e conseguiu fugir ocultamente do seu povoado. Os índios já não somente desobedeciam os padres, mas consideravam-nos seus inimigos(93).

Cardiel mostra incompreensão quando diz que os índios, ao não entregarem seus povoados e resistirem, se davam a conhecer e enfim manifestavam que em tudo necessitavam de tutor, pedagogo, diretor, para não perder-se(94).

Havia um antecedente. Já em tempos passados houve necessidade de

transladar uns povoados, para protegê-los dos bandeirantes que os atacavam e destruíam. Desde então levantaram-se resistências(95). Essas traslações do Guairá, Tape e Itaí provocaram rebeldias, explica Cardiel, motivadas por uma irracional adesão ao solo nativo. Os índios se deixariam escravizar ou matar pelos bandeirantes, antes de deixar seu país. Em outras circunstâncias, em que foi necessário mudar, outros povos passaram o mesmo. Tratava-se, então, do bem dos índios. Buscava-se livrá-los da morte e da escravidão(96).

A experiência acumulada pelos jesuítas levou-os a acreditar que os índios não obedeceriam. Os índios não eram capazes de entender razões de Estado, enxergando apenas o dano presente que se lhes seguia. Na realidade estas traslações dos povos obrigavam-nos a perder suas casas, templos, edifícios públicos, que tanto lhes havia custado. Forçava-se-lhes a abandonar suas ervas, algodoais, hortas e todos os seus bens. Deviam deixá-los para serem entregues aos portugueses, aos quais consideravam como seus maiores inimigos(97).

Cardiel parece entender onde se encontravam as dificuldades, que deram origem às resistências indígenas. Via os índios sumamente ligados à terra onde nasceram e foram criados; à terra onde estavam enterrados seus parentes(98).

Com muito realismo narra Cardiel como os índios consideravam ser um mandato mau aquele que lhes pedia que deixassem a pátria, onde nasceram, onde estavam enterrados seus parentes, e que forçava-os a trabalhar outra vez para construir novas igrejas e casas, deixando para os portugueses suas terras, casas, templos, ervais, algodoais, e o fruto de tantas fadigas e suores de anos e do trabalho dos seus antepassados e deles mesmos(99).

Cardiel chamou atenção sobre a poderosa adesão que tinha o índio a seu país. Tirá-lo dele era difícil. Entendia, isto só seria possível com violência e muitos danos e desgraças(100).

A ordem de traslação exigida para o cumprimento do Tratado de Limites, era de tal modo oposta ao gênio dos índios dos sete povos em questão, que obtê-la, mesmo da nação mais civilizada, politizada, culta e fiel, seria um modelo de heróica fidelidade(101).

Contra os que se alarmavam da resistência dos índios, e muitos a lançavam no rosto dos jesuítas, Cardiel oferecia-lhes as seguintes argumentações:

“Mandem que a mais culta e fiel nação dê todas as suas casas, terras, vinhas, olivais, hortas, etc. a outra nação que lhe tenha feito muitos males e furtos no passado e no presente e que por isso seja tida, por aquela, como inimiga, e que pelos gastos e perdas que possam suceder, se lhe dará meio peso por cada duzentos pesos de perda e que aquela nação vá para outras terras distantes, não tão boas como as suas, para fazer, por sua conta, novas casas, novos povoados, novos templo, novos edifícios, públicos, novas hortas, novas vinhas, novos olivais, novas sementeiras particulares e públicas. Fariam tudo isso logo, com sua obediência cega? Responda-me, leitor. Não seria necessário valer-se da força e das armas para fazê-la obedecer? E se esta nação tivesse, até então, se portado com toda a fidelidade em tudo o que seu Rei mandou, depois deste fato se poderia dizer que esta era uma nação traidora, rebelde, infiel, etc., só por haver oposto resistência a um mandato de suma dificuldade? Creio que nenhum homem de juízo me dirá que sim. Pois se estes pobres índios foram sempre tão obedientes e fiéis, e mesmo depois, quando o Governo os chamou ao território da Colônia, foram prontamente e com sua ajuda se ganhou a Colônia, como conseqüência disto. Como se poderá dizer delas, somente pela resistência que fizeram a uma coisa tão sumamente repugnante à sua natureza, e mais à sua índole, e gênio, que são infiéis, rebeldes, etc.? Se da mais culta e fiel nação não se teria esperança de que obedecessem sem resistência, como se maraviham de que houvesse resistido uma nação que ontem era feita de feras do campo e hoje são meio homens? Teria feito muito bem em obedecer às cegas, perdendo tudo, porém isto não se vê, senão em fervorosos cartuxos, em homens de grande perfeição, totalmente desapegados do mundo. Certo estou que, se se houvesse dado lugar para informar a Sua Majestada destas coisas, haveriam sido tomadas outras medidas, pois em todas as suas cédulas não respira ele outra coisa que piedade, compaixão e desejos do bem espiritual e temporal de seus vassallos e especialmente dos pobres índios quando se trata destes”(102).

A relação com a terra; a referência a seus antepassados aí enterrados; uma identificação como povo; uma especial vinculação às suas possessões produtivas; o recurso à memória histórica assimilada à vida e à cultura, são traços subjacentes à rebeldia do índio reduzido, nesta visão de Cardiel. Seriam traços definitórios da maneira de ser do índio dos povoados confiados aos jesuítas. Se está longe do guarani infiel, tal como o encontraram os primeiros evangelizadores do Para-

guai quando os convidaram a receber o evangelho; a viver como vassallos do rei e a incorporar-se à organização dos povoados. Este índio rebelde, que resistiu a trasladar-se, era um índio diferente. Foi o índio das reduções jesuíticas sem mais. Contudo conserva o atavismo de certos valores ancestrais.

#### IV – PARA FINALIZAR

O *Compêndio* de Cardiel não tem o propósito de oferecer uma descrição antropológica do guarani. Entretanto, ao defender a verdade sobre certos tópicos referentes aos povos paraguaios confiados à Companhia de Jesus, Cardiel ofereceu uma variada, apesar de incompleta, descrição do índio. Nada sistemática.

Esta descrição se refere, às vezes, ao guarani antes de passar a viver nos povoados, e, outras vezes, ao guarani reduzido. Com freqüência as observações se referem a generalidades; traços culturais (a língua, o nível agrícola, etc.); qualidades intelectuais ou morais (pouco dados ao trabalho, nada previsores, como crianças, pueris, dados a bebedeiras, etc.) e, às vezes, todavia, há traços mais definitórios (o uso do guarani e do castelhano; apego ao país e à sua terra, etc.).

Embora as observações de Cardiel devam ser sopesadas, não deixam de ter seu interesse e seu valor. Sua experiência de quarenta anos na América dão-lhe credibilidade. Teve uma compreensão do índio, que, pelos limites deste artigo, não pode ser criticada suficientemente.

Porém, se em algum lugar Cardiel emite sua própria compreensão do guarani, seria numa passagem onde afirma que era uma nação "que ontem era feita de feras do campo e hoje são meio homens" (103).

#### NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) JOSÉ CARDIEL, *Declaración de la verdad*. Introdução de Pablo Hernández, Buenos Aires, 1900. Veja também GUILLERMO FURLONG S.J., *José Cardiel S.J. y su "carta-relación" (1747)*, obra publicada em Buenos Aires na coleção "Escritores Coloniales Rioplatenses".
- (2) JOSÉ CARDIEL, *Compêndio de la História del Paraguay (1780)*. Estudo preliminar de José M. Mariluz Urquijo, Buenos Aires, 1984, pg. 212.

- ( 3 ) PIERRE FRANÇOIS XAVIER DE CHARLEVOIX, *Historia del Paraguay*, Tomo I-VI, Madrid, 1910-1912.
- ( 4 ) JUAN VILLEGAS, *Las reducciones jesuíticas del Paraguay como sistema de evangelización. Siglo XVII*, em: Comisión de Estudios de Historia de la Iglesia en Latinomérica (CEHILA), *Para una Historia de la evangelización en América Latina*, Barcelona, 1977, pg. 91-110.
- ( 5 ) *Compêndio*, pg. 45. ( 8 ) Idem, pg. 69.
- ( 6 ) Idem, pg. 49. ( 9 ) Idem, pg. 70.
- ( 7 ) Idem, pg. 68. (10) Idem, pg. 53.
- (11) JUAN VILLEGAS, *El trabajo en Indias*, "Libro Anual", Instituto Teológico do Uruguai "Monsenhor Mariano Soler", anos VIII-IX, nº 8-9, Montevideú, 1981-1982, pg. 197-221, especialmente 207-216.
- (12) *Compêndio*, pg. 51. (13) Idem, pg. 78.
- (14) Idem. Cardiel sabia que em outras regiões do Peru e da outra América, existiam nações com mais organização e agricultura e que eram capazes de guardar para comer. Entre estes índios seus padres não cuidavam do temporal. Idem.
- (15) *Compêndio*, pg. 79. (17) Idem, pg. 85.
- (16) Idem, pg. 83. (18) Idem.
- (19) Idem, pg. 86. Um dos que chegou a criticar injustamente o estilo de independência, que possuíam os jesuítas nestas nomeações, foi frei Bernardino de Cárdenas, bispo de Assunção. Idem, pg. 162.
- (20) Idem, pg. 144. (22) Idem.
- (21) Idem, pg. 145. (23) Idem.
- (24) BARTOLOMEU MELIÁ, *O Guarani reduzido* (pg. 228-241) em: *Das Reduções latino-americanas às lutas indígenas atuais*, São Paulo, 1982.
- (25) *Compêndio*, pg. 205. Este testemunho está datado de 21 de outubro de 1724.
- (26) Idem, pg. 89s. (36) Idem, pg. 93.
- (27) Idem, pg. 202. (37) Idem.
- (28) Idem, pg. 90. (38) Idem, pg. 99.
- (29) Idem. (39) Idem.
- (30) Idem. (40) Idem.
- (31) Idem, pg. 91. (41) Idem, pg. 103.
- (32) Idem, pg. 94. (42) Idem, pg. 120.
- (33) Idem, pg. 202. (43) Idem.
- (34) Idem, pg. 204. (44) Idem, pg. 135.
- (35) Idem, pg. 92.
- (45) Idem, pg. 60. Aqui se fala de flechas e lanças. Ao relatar a resistência dos índios contra os mamelucos, antes que lhes fosse permitido armarem-se

com armas de fogo, Cardiel menciona como armas as setas de osso, garrotes ou macana. Idem, pg. 70 e 139. Num combate, uns índios utilizaram lanças e fundas. Idem, pg. 130.

- (46) Idem, pg. 60.
- (47) Os índios do ocidente dos rios Paraguai e Paraná, relata Cardiel, eram beligerantes "como bandoleiros muito guerreiros". Cruzavam os rios e causavam dano aos espanhóis e aos povoados de índios. Todos eram bons cavaleiros. Idem pg. 74.
- (48) Idem, pg. 88. Nesta passagem se descreve a forma como se realizavam estas expedições.
- (49) Idem, pg. 89. Quando os índios conduziam suas mercadorias para Buenos Aires para vendê-las e comprar ali o que precisavam, iam também com seu santo, tamborins, flautas e sinos, realizando uma cerimônia semelhante a esta descrita. Os índios gostavam das campainhas. Durante a viagem, os tamborileiros e flautistas iam tocando todo o dia. Animavam. Faziam apenas pequenas pausas. Idem, pg. 92.
- (50) Idem, pg. 118. (56) Idem, pg. 95s.
- (51) Idem, pg. 191. (57) Idem, pg. 96.
- (52) Idem, pg. 127, 137, e 142s. (58) Idem, pg. 96s.
- (53) Idem, pg. 95. (59) Idem, pg. 97.
- (54) Idem. (60) Idem, pg. 91.
- (55) Idem, pg. 92.
- (61) Idem, pg. 90. A distribuição do tempo para as crianças previa aprendizagem da doutrina, rosário, jogos e alguns trabalhos leves, assim como aprendizagem de ofícios e trabalhos. Idem, pg. 94s.
- (62) Idem, pg. 92.
- (63) Idem, pg. 74s. Mais adiante, Cardiel teve oportunidade de expressar que no Brasil o guarani era uma língua vulgar. Idem, pg. 118.
- (64) Idem, pg. 91. (65) Idem.
- (66) Idem, pg. 94.
- (67) Idem, pg. 202s. A ampla difusão do guarani, levou o bispo de Assunção, Frei Bernardino de Cárdenas, a ordenar sacerdotes que dominavam o guarani e que não sabiam latim, coisa criticada por Cardiel. Idem, pg. 151. Contra as falsas acusações, comprovou-se que o catecismo usado pelos jesuítas, fora redigido em Lima e traduzido para o guarani pelo frei Luís de Bolaños, tendo sua utilização autorizada pelas autoridades eclesiásticas. O ensino em guarani foi importante para o fortalecimento dos valores culturais dos nativos. Idem, pg. 178.
- (68) Idem, pg. 120. (72) Idem, pg. 124.
- (69) Idem. (73) Idem.
- (70) Idem, pg. 122. (74) Idem.
- (71) Idem, pg. 123. (75) Idem, pg. 125s.

- (76) Idem, pg. 126. Em uma passagem, Cardiel explica o significado do "no" e do "si". Refere que a escudou várias vezes "dos inteligentes". Explicando estes pormenores, Cardiel mostra que conhece o guarani. Idem, 125. Num ocasião dos juizes examinaram o catecismo guarani que utilizavam os jesuítas em seus povoados. Formou-se um tribunal de peritos na língua. Eram dez pessoas, que conheciam o guarani por ser sua língua de origem. Nesta passagem, Cardiel informa que no início os espanhóis usavam o guarani em toda a sua pureza. Depois, com a presença dos comerciantes, devido ao comércio da erva-mate, o guarani se deteriorou e se formou "um misto de espanhol e guarani, que os índios apenas entendem" Idem, pg. 178.
- (77) Idem, pg. 166.
- (78) Idem, pg. 48s. Veja-se, anteriormente, a extensa citação do parágrafo 2, "A incorporação aos povos".
- (79) Idem, pg. 105. (85) Idem, pg. 53.
- (80) Idem. (86) Idem, pg. 54.
- (81) Idem, pg. 187. (87) Idem, pg. 87.
- (82) Idem, pg. 144. (88) Idem, pg. 105.
- (83) Idem, pg. 74. (89) Idem, pg. 109.
- (84) Idem, pg. 99. (90) Idem, pg. 114.
- (91) Idem, pg. 118. Os traslados supunham que os índios deveriam trabalhar para construir os novos povoados. Aqui surgia outro inconveniente, porque para Cardiel os índios não gostavam de trabalhar. Idem, pg. 115.
- (92) Idem, pg. 120. "O índio não tem capacidade para ponderar os bens públicos das Monarquias", escrevera Cardiel. Idem, pg. 115. Se na resistência dos guaranis aflorou o conflito latente que denuncia Meliá, Cardiel, com toda a sua experiência de quarenta anos, não parece percebê-lo. BARTOLOMEU MELIÁ, *O Guarani reduzido* (pg. 228-241), em: *Das Reduções latino-americanas às lutas indígenas atuais*, São Paulo, 1982.
- (93) *Compêndio*, pg. 121. (96) Idem, pg. 140.
- (94) Idem, pg. 131. (97) Idem.
- (95) Idem, pg. 113.
- (98) Idem, pg. 113. "Tanto ou mais que o animal ao seu ambiente natural", comenta Cardiel. Idem. Mais adiante, os jesuítas advertiam que uma coisa era que os índios obedecessem a seus padres, naquilo que estes ordenavam para seu bem, e que eles consideravam que realmente era para seu proveito, e outra muito distinta era mandar-lhes que perdessem seus povoados e todos os seus bens. Idem, pg. 115.
- (99) Idem, pg. 120. O cabido, caciques e índios em geral do povoado de São Luís se dirigiram ao governador bonaerense, para persuadí-lo a não trasladar o povo. Em sua carta diziam: "Esta é a terra onde nascemos, nos criamos e nos batizamos, e é assim que aqui queremos morrer". Arquivo Histórico Nacional (Madri), "Jesuítas", 120 caixa 3 nº 99. São Luís, 18

de julho de 1753. Os de Santo Ângelo escreviam ao governador: "... quanto mais nós, que somos cristãos e que amamos muitíssimo o povo que Deus nos deu; temos nossa grande e formosa igreja, toda ela de pedra, até em suas colunas; também a casa do Pai e a casa dos índios, que também são de pedra. Vês aqui uma amostra do trabalho a que nos temos empenhado e o que temos vencido e feito com muitíssimo suor e grandes fadigas. Isto é o que Deus nos deu desde que nos criou. Deu-nos a cada um de nós terra onde viver. Isto temos feito neste povoado de Santo Ângelo onde estamos..." Arquivo Histórico Nacional, "Jesuítas", caixa 2, nº 36. Santo Ângelo, 20 de julho de 1753.

(100) Idem, pg. 120, 132

(102) Idem, pg. 139s.

(101) Idem, pg. 139.

(103) Idem, pg. 140.

*(Tradução de Alfredo S. Dorea S.J.)*